

Discursos de adolescentes brasileiros e cabo-verdianos sobre sexo sem camisinha: Onde foi parar as preocupações com as DST/Aids?

A saúde do adolescente, no momento atual, está sendo considerada uma prioridade em muitos países. A adolescência configura-se como um período complicado da vida, no qual o sujeito não é mais criança, mas também não é um adulto pleno. Nessa etapa da vida, o sujeito está pronto para iniciar sua vida sexual, e isso está repercutindo o aumento de casos de doenças sexualmente transmissíveis (DST), em especial a Aids, não sendo raro encontrarmos notícias como: “Maior crescimento de casos de Aids está entre jovens de 15 a 24 anos”. Desta forma, nesse trabalho pretendemos apresentar discussões oriundas da realização de um dilema moral com grupos de adolescentes brasileiros e cabo-verdianos. O dilema tratava da problemática de um adolescente – Marcelo – que conheceu uma garota em uma festa e, após a festa convidou a menina para ir à sua casa, pois seus pais estavam viajando e ele estava sozinho. A menina aceitava o convite e chegando lá “o clima foi esquentando”, até que ambos resolveram transar. Nisso, o menino foi buscar o preservativo, mas não encontrou e lembrou-se que não havia mais em sua casa. Nesse cenário era questionado aos grupos: “O que Marcelo deve fazer? Por quê?”. Participaram do estudo 45 adolescentes, divididos em cinco grupos, três grupos realizados no Cabo Verde e dois no Brasil. A técnica utilizada para análise dos dados foi o Discurso do Sujeito Coletivo. Produzimos quatro discursos, dois referentes a cada contexto. Nos discursos, de ambos os contextos, podemos ver que parte dos adolescentes acreditam que os adolescentes não realizariam o ato sexual, pelo fato de não possuírem o preservativo e poderem contrair DST ou uma gravidez indesejada. Já, outros adolescentes, julgam que “as coisas estavam quentes, quando a temperatura fica quente, é difícil de controlar”. Os adolescentes de Cabo Verde consideram que “eles não vão pensar nas doenças” e sugerem que “eles deveriam usar outro método que é o coito interrompido”. Os brasileiros apontam que “se ela toma anticoncepcional, eu acho que aí que ela ia aceitar, nem que seja uma rapidinha. É uma garantia para ela”. Com esses fragmentos podemos perceber que a gravidez se configura como algo que exerce mais temor nos adolescentes do que o risco de se contrair uma DST/Aids, colocando esses sujeitos em um grupo de risco para contaminações.